

Aspectos da Economia Alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos das «Salas 2 e 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia)*

*João Luís CARDOSO** ,
João Carlos de SENNA-MARTINEZ***
e António Carlos VALERA*

Resumo

Estuda-se a associação de grandes mamíferos recolhida em unidades estratigráficas das "Salas 20 e 2" do Buraco da Moura de S. Romão (Seia) correspondentes a uma ocupação do Bronze Pleno. Devido à natureza predominantemente ácida dos terrenos de toda a região beirã, restos faunísticos como os agora estudados são excepcionais. Tal facto valoriza as conclusões obtidas do seu estudo, não apenas sobre as bases de subsistência e hábitos alimentares, mas também acerca da economia das populações que, no Bronze Pleno, ocuparam a Bacia do Alto Mondego.

Comprovou-se uma importante actividade pastoril, documentada pela predominância, no espectro faunístico, dos bovinos e ovinos e onde a caça ocupava um lugar muito secundário. Tal situação reforça a proposta de atribuição da degradação do coberto florestal da área serrana como tendo origem antrópica, datando talvez desde o IV milénio a.C., ligando-se à necessidade de obtenção de terras de pastoreio.

Abstract

The bones of large mammals coming from the stratigraphic units of "Salas 20 and 2" of Buraco da Moura de S. Romão attributed to the Early/Middle Bronze Age are here studied. Because of the acid nature of Beira Alta soils, such a sample is exceptional. This fact enhances the importance of its study as a contribute on the economy and subsistence of the local populations during the Early and Middle Bronze Age.

The predominance of *Ovis aries* and *Bos taurus* attests to the importance of pastoralism while the hunting of *Sus scrofa* and *Cervus elaphus* seems to be of less importance. These data contribute to the possible interpretation of highland forest degradation as due to the need of new grazing areas, as attested by the pollen profiles studied in the peat bogs of Serra da Estrela.

1. Introdução

O Buraco da Moura de São Romão é um conjunto de cavidades entre grandes penedos graníticos, situado na vertente sul-oriental do Cabeço do Crasto de S. Romão, junto à

* O presente texto retoma, completa e desenvolve o conteúdo da publicação preliminar apresentada à "3ª Reunião do Quaternário Ibérico" realizada em Coimbra em 1993 (cf. CARDOSO, SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1995.)

** Professor do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Quinta da Torre, 2825 MONTE DA CAPARICA, PORTUGAL.

*** Professor do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. *Instituto de História Regional e do Municipalismo Alexandre Herculano e Instituto de Arqueologia da FLUL*. 1699 LISBOA CODEX, PORTUGAL.

ribeira da Caniça e próximo da sua confluência com o Alva, Freguesia de S.Romão, Concelho de Seia.

O seu estudo, iniciado em 1985, por uma equipa co-dirigida por J. C. Senna-Martinez e A. C. Valera, tem vindo a demonstrar a importância deste arqueossítio, único conhecido na Beira Alta em que foi possível identificar, em estratigrafia, ocupações humanas que se estendem do Neolítico à Idade Média, passando pelo Calcolítico, Bronze Pleno e Bronze Final (SENNA-MARTINEZ, 1993.; SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, 1993.; VALERA, 1993.; VARANDAS, 1993.).

Ao Bronze Pleno foram atribuídas, na "Sala 20", várias Unidades Estratigráficas [UEs.] (SENNA-MARTINEZ, 1993: 59), integrando um "solo de habitat complexo", entre as quais a UE.4, donde provém parte dos materiais faunísticos agora estudados, tendo-se ainda considerado os restos provenientes das UEs.1 e 5, onde materiais atribuíveis ao Bronze Pleno foram recolhidos em situação de remeximento juntamente com outros atribuíveis ao Bronze Final.

Estudaram-se ainda os restos recolhidos numa zona de escorrência de materiais localizada na "Sala 2", presumivelmente provenientes da UE.4 da "Sala 20" e atribuíveis (a partir da análise dos materiais arqueológicos associados) também ao Bronze Pleno. Tais fenómenos de escorrência em locais, como este, no sopé de vertentes, entre blocos graníticos, encontram-se amplamente explicados, atendendo às fortes precipitações e ao carácter torrencial dos cursos de água da região. No caso presente, a "Sala 20" é, de todas as até agora escavadas, a que se desenvolve a cotas mais elevadas (sobre as "Salas 2 e 1"), justificando-se, assim, a origem dos materiais transportados. No Bronze Pleno, aquele espaço comunicava directamente, através de ampla abertura, com o exterior, constituindo um abrigo de longa duração, o que é confirmado pelas características do espólio arqueológico e osteológico recolhido.

2. O espólio osteológico

Foram classificados todos os restos até ao presente recuperados e atribuídos ao Bronze Pleno. Procedeu-se, também e sempre que possível, a medições (valores em mm), na perspectiva de ulteriormente poderem ser comparadas com as de outros conjuntos faunísticos. Para o efeito utilizaram-se as seguintes convenções: L - comprimento; H - altura; DT - diâmetro transversal; DAP - diâmetro ântero-posterior; DMD - diâmetro méso-distal; DVL - diâmetro vestibulo-lingual.

2.1. "Sala 20"

2.1.1. UE.4

Classe **Mammalia** L., 1758

Ordem **Artiodactyla** Owen, 1848

Família **Suidae** Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

+ Vértebra cervical de subadulto (nº inv. 6/88).

+ 2º metacárpico (nº inv. 4/88). L = 64,0; DT proximal = 13,0; DT diáfise = 7,5; DT distal = 7,0.

+ 3ª falange, com marcas de fogo (nº inv.11/88). L = 28,5; H = 16,5; DT articular = 12,5.

Família **Cervidae** Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

+ Dois fragmentos do mesmo metatársico II+III, correspondendo a porção anterior da extremidade distal da diáfise. Possui vestígios de fogo. Indivíduo de pequeno tamanho mas maior que exemplar homólogo de corço. Não mensurável (nº inv. 16/88 e 22/88).

Família **Bovidae** Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

+ Germe de M/1 ou M/2, incompleto na base (nº inv. 12/88).

+ Olecrânio de cúbito incompleto, faltando-lhe todo o bordo posterior. Observa-se parte da superfície articular com o húmero (nº inv. 17/88).

+ Porção de cabeça de fémur de indivíduo juvenil, com a junção à diáfise ainda não consolidada. Corte de cutelo seccionando toda a altura da epífise (nº inv. 13/88).

+ Esquírola longitudinal de metade distal de diáfise de tibia de juvenil, com a ligação à apófise distal não consolidada (nº inv. 7/88).

+ Duas 3^{as} falanges, talvez do mesmo indivíduo (nº inv. 2/88). L = - / 62,0; H = 37,5/34,5; DT articular = 20,5/19,0.

Ovis aries L., 1758

+ M/2 sem desgaste (nº inv. 12a/88). DMD colo = 11,5; DVL colo = 7,5.

+ Tábua externa de M/1 ou M/2, com ligeiro desgaste (nº inv. 12a/88).

+ Fragmento de costela de juvenil (nº inv. 19/88).

+ Extremidade distal de húmero. Possui marcas de corte ao longo do bordo lateral da face anterior (nº inv. 10/88). DT distal = 26,0; DAP distal = 22,0.

+ Porção mesial de diáfise de metatársico II+III (nº inv. 26/88). DT diáfise = 10,5; DAP diáfise = 9,0.

+ Calcâneo (nº inv. 9/88). L = 52,5; DT *sustentaculum* = 19,5; DT mínimo posterior = 8,5; H = 20,0; DT epífise = 12,5.

+ Calcâneo de juvenil com falta da epífise (nº inv. 15/88).

Cervus elaphus / *Bos taurus*

+ Fragmento de corpo vertebral (nº inv. 24/88).

+ Fragmento de costela (nº inv. 27/88).

+ Cinco esquírolas, das quais duas provavelmente provenientes de omoplatas e as restantes de ossos longos, fracturados longitudinalmente (nº inv. 3, 14, 20, 21, 23/88).

Ordem **Lagomorpha** Brandt, 1855

Família **Leporidae** Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

+ vértebra dorsal (nº inv. 5/88).

2.1.2. UE.1

Classe **Mammalia** L., 1758

Ordem **Artiodactyla** Owen, 1848

Família **Suidae** Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

+ Metade proximal de cúbito direito de indivíduo subadulto (com a epífise proximal ainda não soldada). DT articular = 26,5; DAP olecrâneo = 38,0.

Sus sp.(?)

+ Metade proximal de cúbito direito de suídeo, de pequenas dimensões. O grau de fracturação impede de averiguar se se trata de indivíduo juvenil; neste caso poder-se-ia incluir em *S. scrofa*.

Família **Bovidae** Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

+ Extremidade do ramo ascendente de hemimandíbula esquerda, conservando o côndilo articular.

+ Fragmento craniano, correspondente à parte de um dos côndilos occipitais.

+ M/3 d, sem sinais de uso. DAP = 32,0; DVL = 13,0.

+ Metade distal de metatársico direito, fracturado obliquamente na diáfise; DT supra articular (distal) = 48,0; DT articular distal = 54,0; DAP articular distal = 30,0.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

+ Fragmento craniano, correspondente a parte da cavidade orbital, de lado indeterminado.

+ M/2 e, sem desgaste. DMD = 13,0; DVL = 7,5.

+ M/3 d, com desgaste fraco. DMD = 21,0; DVL = 8,0.

+ Fragmento de cúbito esquerdo, correspondendo ao olecrâneo e à articulação proximal com o húmero. DT articular = 16,5; DT olecrâneo = 24,5.

+ Uma epífise vertebral incompleta.

+ Fragmento de costela.

+ Três esquirolas de ossos longos indetermináveis.

Família **Felidae** Gray, 1821

Felis sylvestris Schreber, 1777

+ Porção de coxal esquerdo.

+ Fémur esquerdo conservando boa parte da diáfise e a extremidade proximal. DT cabeça = 9,5; DT diáfise = 7,0; DAP diáfise = 7,0. O osso encontra-se muito alterado; trata-se de indivíduo adulto, compatível com gato bravo.

+ Húmero direito de jovem, faltando a epífise distal e a extremidade proximal.

2.1.3. UE.5 (Superfície)

Família **Felidae** Gray, 1821

Felis sp.

+ Crâneo com abatimento da parede óssea correspondendo à zona occipital. Tamanho muito inferior ao exemplar de *Felis sylvestris* plistocénico da Gruta das Fontainhas (Serra de Montejunto).

+ Húmero esquerdo, talvez do mesmo indivíduo. H = 11,0; DT proximal = 15,0; DT diáfise = 7,0; DT distal = 18,0. Estas dimensões podem comparar-se com outras, de homólogos plistocénicos e actuais de *Felis sylvestris* (CARDOSO, 1993b.) através do quadro seguinte:

húmero	Gruta das Fontainhas	Gruta da Furninha	Pedreira das Sa-lemas	Buraco da Moura de São Romão	Actual (média de 7 exemplares. franceses)
H	110,8; 110,8				113,1 (máx. 119,5; mín. 105,4)
DT proximal	19,0; 18,9		17,9	15,0	18,6 (máx. 20,9; mín. 16,7)
DT diáfise	8,3; 8,0			7,0	7,8 (máx. 8,4; mín. 6,8)
DT distal	22,0; 22,0	21,2		18,0	20,6 (máx. 22,4; mín. 19,2)

Pelos valores apresentados conclui-se que o exemplar em causa deve ser reportado ao gato doméstico, *Felis catus*.

2.2. "Sala 2"

2.2.1. UE.7

Classe **Mammalia** L., 1758

Ordem **Artiodactyla** Owen, 1848

Família **Bovidae** Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

+ Uma 3ª falange. L = 39,0; H = 38,5; DT articular distal = 21,0.

+ Três esquirolas de ossos longos não classificáveis.

+ Um fragmento craniano não classificável.

2.2.2. UE.10 (escorrência)

Classe **Mammalia** L., 1758

Ordem **Artiodactyla** Owen, 1848

Família **Suidae** Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

+ Fragmento de C/1, conservando porção do esmalte dentário.

+ Porção do osso mandibular de subadulto, conservando as raízes de M/1, M/2 não desgastado e parte de alvéolo para M/3. Dimensões do M/2: DMD máximo = 22,0; DVL 1º lobo = 14,0; DVL 2º lobo = 14,5.

+ Porção de osso mandibular com M/1 e M/2, com desgaste médio. Dimensões do M/1: DMD máximo = 17,0; DVL 1º lobo = 10,5; DVL 2º lobo = 12,0. Dimensões do M/2: DMD máximo = 24,0; DVL 1º lobo = 14,0; DVL 2º lobo = 15,5.

+ Dois germes de M/3. Para ambos é de afastar a hipótese de porco doméstico, considerando o grande desenvolvimento do talão. Dimensões: DMD máximo = 34,0 / 39,5; DVL 1º lobo = 15,0 / 17,0; DVL 2º lobo = 14,5 / 17,0; DVL 3º lobo = 10,5 / 13,0.

+ Extremidade proximal de rádio. DT proximal = 27,0; DAP proximal = 18,0.

+ Diáfise de tíbia de juvenil com falta de ambas as extremidades articulares.

+ Extremidade distal de tíbia, fracturada longitudinalmente. DT distal = (43,0); DAP distal = 34,5.

Família **Cervidae** Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

- + I/3. O tamanho exclui gamo. DMD máximo = 12,0; DVL máximo = 6,5.
- + Dois astrágalos, um deles de subadulto. L máximo = 54,5 / 49,0; L mínimo = 41,5 / 38,0; L mesial = 49,0 / 45,0; DT proximal = 34,0 / 31,0; DT distal = - / 31,5; DAP lateral = 30,0 / 27,0; DAP mesial = 31,0 / 28,5.

Família **Bovidae** Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

- + P/4, de pequenas dimensões, com desgaste incipiente. DMD colo = 12,0; DVL colo = 11,0.
- + M/3 de pequenas dimensões, talvez do mesmo indivíduo do exemplar anterior. DMD colo = 23,5; DVL colo = 20,0.
- + M/1 ou M/2, não desgastado, muito fragmentado.
- + Porção de apófise vertebral.
- + fragmento de costela.
- + Metade distal de tíbia, com fractura oblíqua na diáfise. DT diáfise = 38,5; DAP diáfise = 25,0; DT distal = 61,5; DAP distal = 44,5.
- + astrágalo incompleto na parte mesial da tróclea distal. L máximo = 66,5; L mínimo = 49,5; DT proximal = 43,5; DAP lateral = 35,5.
- + Quatro esquirolas de ossos longos seccionados longitudinalmente, um dos quais com marcas de fogo, outro com vestígios de roidela de carnívoro (incisões curtas e irregulares correspondentes aos caninos).
- + Porção mesial de diáfise de metatársico de lado indeterminado, correspondendo a esquirola ocupando parte da zona anterior do osso.

Bos taurus / *Cervus elaphus* (?)

- + dois fragmentos de costela.

Ovis aries L., 1758

- + Tábua interna de M/2, com desgaste incipiente.
- + Vértebra.
- + Fragmentos de três omoplatas.
- + Porção distal de diáfise de humero.
- + Extremidade distal articular de humero. DT distal = 27,5; DAP distal = 25,5.
- + Porção mesial de diáfise de metacárpico II+III, com marcas de fogo.
- + 1ª falange. L = 34,5; DT proximal = 10,5; DT diáfise = 7,5; DT distal = 9,5.
- + Osso longo indeterminado de indivíduo muito jovem.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- + Três esquirolas de ossos longos inclassificáveis. Pela robustez poderão ser atribuíse, com maior probabilidade, à ovelha.
- + Um corpo vertebral lombar.
- + Porção de diáfise de tíbia direita, correspondendo a esquirola longitudinal.
- + Extremidade distal de humero esquerdo, mutilado na ligação à diáfise e na superfície articular, que não se conservou.
- + M/3 d, com uso incipiente. DMD = 18,5; DVL = 13,0.
- + Esquirola de osso longo indeterminável.

2.3. Sumário de resultados

Os resultados obtidos foram sumariados no seguinte Quadro, onde se consideraram o número total de restos classificáveis (NTR) e não o número mínimo de indivíduos por eles representado (NMI), opção cujas vantagens foram já expostas (CARDOSO, 1993a: 109). Por outro lado, foram contabilizados todos os elementos com identidade anatómica própria, mesmo que integrando um único resto.

Espécie	Sala 20 [4]	Sala 20 [5S]	Sala 20 [1]	Sala 2 [10]	Sala 2 [7]	Total
	nº de restos	nº de restos	nº de restos	nº de restos	nº de restos	
<i>Sus scrofa</i>	3	-	2	11	-	16
<i>Cervus elaphus</i>	1	-	-	3	-	4
<i>Bos taurus</i>	6	-	4	12	5	27
<i>Bos taurus</i> / <i>Cervus elaphus</i> (?)	7	-	-	2	-	9
<i>Ovis aries</i>	7	-	-	10	-	17
<i>Capra hircus</i> / <i>Ovis aries</i> (?)	-	-	7	8	-	15
<i>Felis sylvestris</i>	-	1(?)	3	-	-	4
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	1	-	-	-	-	1
Total	25	1	16	46	5	93

3. Conclusões

- Os resultados do estudo efectuado evidenciam a predominância, no espectro faunístico, das espécies domésticas (66-76%). Por precaução alguns dos restos de ovi-caprinos foram considerados como podendo pertencer quer a *Ovis aries* quer a *Capra hircus*. Contudo, é provável que representem apenas a ovelha, atendendo às dimensões e robustez inferiores às dos homólogos em *Capra*. Deste modo, em termos numéricos, a mais abundante das espécies seria a ovelha. Porém, se atendermos à corpulência do boi, é a esta espécie que deveremos reportar a maior importância alimentar. Por outro lado, sempre que foi possível a identificação dos restos de suídeo, a nível específico, tratava-se de javali, pelo que se generalizou a atribuição de todos os materiais exumados a esta espécie. A predominância, ao nível de proteínas consumidas, do boi doméstico, a menos que a interpretemos como um eventual consumo ritual, o que nada autoriza supor em termos contextuais, sugere a estabilidade do povoamento das comunidades que, no Bronze Pleno, se encontravam fixadas na região.

- A caça é pouco relevante (24-34%): a presença de veado é vestigial (5-15%); quanto à do javali (18%), poderá encontrar-se sobreavaliada por, como já referimos, termos considerado, dentro de esta espécie, além de todos os elementos com identidade anatómica própria, mesmo que integrando um único resto, situação particularmente evidente neste conjunto, alguns materiais que, duvidosamente, poderiam também pertencer a porco doméstico.

Os restos de *Felis* encontrados em estratigrafia foram reportados ao gato bravo, *Felis sylvestris*. As peças em causa pertencem a dois indivíduos diferentes, um dos quais juvenil. As pequenas dimensões são compatíveis com gato doméstico. Porém, a menos que se trate de uma intrusão, esta hipótese é de excluir, atendendo a que a introdução desta espécie apenas se verifica na Idade do Ferro (através da presença fenícia). Outro tanto não sucederá com o fragmento de crânio e o húmero recolhidos à superfície. Pela biometria, trata-se inequivocamente do gato doméstico, devendo a sua presença corresponder a um animal que morreu na cavidade, muito anteriormente à presença humana da Idade do Bronze.

- As fracturas longitudinais que numerosos ossos longos ostentam, reduzidos frequentemente a esquirolas inclassificáveis, estão relacionadas com a extracção da medula óssea. Encontra-se, pois, demonstrada a prática de cozidos, sobretudo em bovinos, sendo óbvia a sua extensão aos ovinos.

- A porosidade e, sobretudo, a deficiente ou inexistente ossificação das extremidades articulares, patente em grande parte do material observado, indica que o consumo da carne se efectuava, frequentemente, logo que os animais atingiam o seu peso óptimo para o abate; apenas uma parte seria conservada para a produção de lacticínios e reprodução, o que sugere um certo desafogo em termos de proteínas disponíveis na alimentação.

- A existência de churrascos encontra-se, também, demonstrada pela incarbonização parcial patente nalguns ossos; é interessante assinalar a sua incidência em restos de veado e de javali.

- As populações que ocuparam no Bronze Pleno o Buraco da Moura de São Romão evidenciam uma economia com importante componente pastoril, baseada em bovinos e em rebanhos de ovinos, de onde extrairiam, não apenas carne, mas lacticínios. Encontra-se assim reforçada a hipótese de que a exploração regional das pastagens de altitude, no decurso do II milénio a.C. (eventualmente vindo já, para o Maciço Central, desde o final do IV, inícios do III milénio a.C.¹ e com nova etapa de intensificação atribuível a meados do II milénio a.C.), teria tido como consequência a degradação do coberto florestal da área serrana, que se encontra demonstrada pelo estudos desenvolvidos na última década a partir dos perfis polínicos obtidos nas turfeiras de altitude da Serra da Estrela (JANSSEN, 1985.; JANSSEN & WOLDRINGH, 1981.; KNNAAP & JANSSEN, 1991.; KNAAP & VAN LEEUWEN, 1994.; VAN DEN BRINK & JANSSEN, 1985.).

Bibliografia:

CARDOSO, J. L. 1993a. "Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves)", in: *Estudos Orientais*, 4, pp.109-126

¹ Para as Montanhas Ocidentais do Centro/Norte de Portugal, dados recentes apontam para um início do impacto antrópico devido a pastorícia eventualmente ainda dentro do final do V milénio (CORDEIRO, 1992.).

- CARDOSO, J. L. 1993b. *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C. 1995. "Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos da «Sala 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia)", in: *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico, Coimbra 1993*, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp.457-460
- CORDEIRO, A.M. 1992. "O Homem e o Meio no Holocénico Português. Paleo-ambientes e erosão", in: *Mediterrâneo*, 1, pp.89-109
- JANSSEN, C.R. 1985. "História da vegetação", in: S. DAVEAU Ed. , *Livro-Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.E.T.Q., Lisboa, pp.66-72
- JANSSEN, C.R. & WOLDRINGH, R.E. 1981."A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the Serra da Estrela, Portugal", in: *Finisterra*, XVI, 32, pp.299-309
- KNAAP, W. O. V. & JANSSEN, C. R. 1991. *Utrecht on the Rocks - Serra da Estrela (Portugal)*, XV Peat Excursion of the Syst.-Geobo. Institute, University of Bern, Part II, Laboratory of Paleobotany and Palynology, State University of Utrecht/The Netherlands
- KNAAP, W. O. V. & VAN LEEUWEN, J. F. N. 1994. "Holocene vegetation, human impact, and climatic change in the Serra da Estrela, Portugal", in: A. F. LOTTER & B. AMMANN, Eds., *Festschrift Gerhard Lang*, «Dissertationes Botanicae», 234, pp.497-535
- SENNAMARTINEZ, J.C. 1993. "A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp.55-76
- SENNAMARTINEZ, J.C., *et alii.*, 1993. "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp.125-135
- VALERA, A.C. 1993b. "A ocupação calcolítica da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp.37-53
- VAN DEN BRINK, L.M. & JANSSEN, C.R. 1985. "The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal", in: *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, pp.193-205
- VARANDAS, J. 1993. "A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp. 155-162
-

APÊNDICE - Resto humano recolhido na UE.1 da "Sala 20"

No interior da UE.1 da "Sala 20" do Buraco da Moura de S.Romão, unidade com alguns remeximentos detectados conforme referimos atrás, foi recolhido um fragmento de tíbia direita humana (porção de diáfise) de um indivíduo juvenil a subadulto.

A presença deste resto ósseo (cuja identificação foi confirmada pelo Prof. Doutor A. Santinho Cunha, o que agradecemos) levanta a possibilidade de este espaço ter servido, episodicamente, como lugar de enterramento, a menos que se trate do resto de um indivíduo que ali veio, acidentalmente, a perder a vida.